



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO



CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

Roberta Rayanne Guedes Rolim de Oliveira

**TESTE DE ATRIBUIÇÃO DAS EMOÇÕES EM SITUAÇÕES DE *BULLYING* -
AESB: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS**

Orientadora: Prof^a. Dra^a. Carla Alexandra Moita Minervino

JOÃO PESSOA
2016

ROBERTA RAYANNE GUEDES ROLIM DE OLIVEIRA

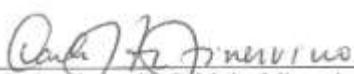
TESTE DE ATRIBUIÇÃO DAS EMOÇÕES EM SITUAÇÕES DE *BULLYING* - AESB:
EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

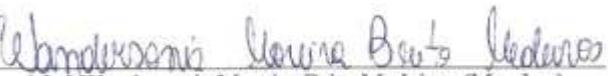
Orientador(a): Prof.^a. Dra. Carla Alexandra S.
Moita Minervino.

Aprovado em: 03 / 06 / 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dra. Carla Alexandra S. Moita Minervino (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba


Ms.^a Wandersonia Moreira Brito Medeiros (Membro)

Universidade Federal da Paraíba

TESTE DE ATRIBUIÇÃO DAS EMOÇÕES EM SITUAÇÕES DE BULLYING - AESB: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS

Resumo: O *bullying* é um fenômeno em constante crescimento, por isso é de muito valor a validação de testes que auxiliem profissionais de diversas áreas a conhecer como é a percepção das crianças diante desse comportamento agressivo. Dessa forma, o presente estudo objetivou analisar as evidências de validade e precisão do teste de atribuição das emoções em situações de bullying – AESB, além de análises descritivas para caracterização da amostra. Participaram 241 estudantes do ensino fundamental I de escolas públicas e particulares de João Pessoa (PB), com idade entre 8 a 11 anos, em maioria do sexo feminino (56,4%). Todos responderam ao teste computadorizado composto por 38 itens, o qual foi solicitada a escolha dentre cinco faces emocionais para personagens do bullying (agressor, vítima e expectador) das situações apresentadas. Realizou-se a análise dos componentes principais (ACP) (rotação Varimax), o *Scree test*. Foi fixada a extração de 3 fatores, que explicam conjuntamente 30% da variância total, cujos alfas de Cronbach variaram de 0,46 a 0,82. Esses achados revelam que em dois fatores o AESB reúne evidências favoráveis de validade e consistência interna, porém um fator não alcançou, tendo a necessidade de ser totalmente revisado, para poder ser adequadamente utilizado em estudos futuros para conhecer quais emoções são atribuídas para os personagens do bullying.

Palavras-chave: Bullying; Emoções; Validade.

Abstract: Bullying is a phenomenon constantly growing, so it is very valuable validation tests that assist professionals from different areas to know how the perception of children against this aggressive behavior. Thus, this study aimed to analyze the evidence of validity and accuracy of the assignment test of emotions in bullying - AESB, and descriptive analyzes to characterize the sample. The participants were 241 students from elementary school of public and private schools in João Pessoa (PB), aged 8 to 11 years, mostly female (56.4%). All responded to computerized test consists of 38 items, which was asked to choose from five emotional faces to the characters bullying (bully, victim and bystander) of the situations. We held the principal components analysis (PCA) (Varimax rotation), the Scree test. It was set extracting 3 factors, which explain 30% of the total variance, whose Cronbach alphas ranged from .46 to .82. These findings reveal that two factors the AESB meets favorable evidence of validity and reliability, but a factor not reached, and the need to be completely revised in order to be properly used in future studies to know which emotions are attributed to the characters bullying.

Keywords: Bullying; emotions; Shelf life.

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* é um fenômeno social que pode ser observado de diferentes maneiras, seja por palavras, comportamentos ou agressões, ele tem sua incidência aumentando a cada dia, como se observa nos jornais e telejornais, chegando a atingir 30% dos estudantes no Brasil, segundo uma pesquisa feita pelo IBGE (2013). De acordo com Brito e Oliveira (2013) o *bullying* é o comportamento agressivo mais comum entre os estudantes adolescentes que em qualquer forma de expressão causa prejuízo para quem sofre e também para quem comete, o agressor pode desenvolver um transtorno e a vítima pode desenvolver problemas emocionais que irão interferir no decorrer de sua trajetória de vida. Deste modo surge a indagação sobre os sentimentos desses ofensores, isto é, o que eles sentem ao cometer a agressão, o que as vítimas sentem quando estão sendo agredidas e o que as testemunhas sentem ao presenciar tal ato ofensivo.

As emoções desses sujeitos diante dessas situações constrangedoras e até mesmo dolorosas podem ficar alteradas, precisando de uma intervenção para que sejam evitados prejuízos futuros. Elas são expressas através das expressões faciais do indivíduo, sendo esta a maneira mais simples de verificar o que o outro está sentindo em determinado momento. De acordo com Trevarthen e Aitken (2001) existem registros obtidos em diferentes tipos de estudos mostrando que os bebês são capazes de produzir quase todas as expressões faciais de emoção, características do adulto, e que esses movimentos são automaticamente percebidos como emocionais pelo ambiente social. Assim, pode-se notar quando uma pessoa está, por exemplo, feliz ou triste e compreender que as atitudes realizadas geram diferentes emoções no sujeito.

Os instrumentos psicométricos são boas alternativas e possuem o papel de auxiliar nas avaliações sobre um caso, gerando um resultado e norteando uma intervenção eficaz. Por isso, é importante existir testes disponíveis e validados para a realidade brasileira que subsidiarão professores, psicopedagogos e outros profissionais da área sobre as percepções dos alunos acerca dos sentimentos de seus colegas, os quais poderão contribuir para que esse comportamento diminua ou até mesmo deixe de existir entre eles. Resende e Silva (2016) afirmam que essa prática intervenciva deve ocorrer de forma conjunta, contado com o apoio dos pais, e dos demais profissionais necessários para intervir no caso.

A pesquisa de Alckmin-Carvalho, Izbicki, Fernandes e Melo (2014) mostra que a maioria dos instrumentos utilizados para avaliar o *bullying*, aqui no Brasil, consiste em adaptações de versões de escalas e questionários padronizados internacionais, sem evidências

de validade para o Brasil, além de serem usadas também estratégias como observação direta e entrevista semi estruturada. Portanto, uma vez que o envolvimento com a prática de bullying acarreta vários riscos para o comportamento e transtornos psiquiátricos, observa-se a importância de validar testes psicométricos nacionais.

Foi desenvolvido um instrumento capaz de identificar quais as emoções os alunos atribuem a cada personagem em várias cenas de bullying, de acordo com a ação realizada, intitulado “Teste de Atribuição das Emoções em Situações de Bullying- AESB”, o qual foi alicerçado em uma teoria, que por sua vez terá a função de sustentar as justificativas das perguntas realizadas por cada item, neste caso as teorias abordadas foram relacionadas ao bullying e as emoções, as quais irão dar respaldo científico para averiguar e evidenciar as propriedades psicométricas do teste. Dessa forma, a necessidade de ter informações mais precisas do instrumento gera o seguinte questionamento: Quais são as propriedades psicométricas do teste de atribuição das emoções em situações de bullying- AESB?

Diante do exposto, o objetivo principal deste trabalho é analisar as propriedades psicométricas do teste de atribuição das emoções em situações de bullying. Especificamente, pretende-se: 1) descrever as emoções mais atribuídas pelos participantes para os personagens do bullying 2) verificar as evidências de validade fatorial e confiabilidade do teste 3) conhecer a consistência interna do teste e 4) identificar se há diferenças nas respostas dos participantes em função da idade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DEFINIÇÃO E ASPECTOS HISTÓRICOS DO BULLYING

A origem da palavra bullying vem do inglês e refere-se a um comportamento de uma pessoa valente, por exemplo, “o valentão”, ela caracteriza agressões verbais ou físicas com cunho ofensivo ao outro, que acontece de forma repetitiva e persistente, definida também por alguns autores como assédio moral, agressão/vitimização entre pares e violência interpessoal (Miranda, 2012). Ele pode ocorrer em vários ambientes como na escola, no trabalho e em qualquer meio social, são atos de agressão planejados, intimidação velada e sorrateira resvalando às vezes para a violência física (Bandeira & Hutz, 2010).

Este comportamento agressivo se classifica por dois tipos: o direto e o indireto, o primeiro possui duas dimensões são elas: forma verbal e física, em que a verbal consiste em apelidar, xingar, fazer algum comentário irônico relacionado a uma característica da pessoa, que pode ser questões de estrutura corporal, raça da pessoa, religião, opção sexual, sotaque,

entre outras, levando com que a vítima tenha um prejuízo psicológico. Já a segunda dimensão são atitudes como empurrões, socos, chutes, tapas, danificar objetos, etc. Existe também a forma indireta da agressão que consiste em excluir a vítima de brincadeiras ou de conversa em grupo, esse tipo é mais superficial e precisa de bastante atenção para percebê-lo, e acontece na maioria dos casos na hora do intervalo das escolas (Medeiros, Gouveia, Monteiro, Silva, Lopes, Medeiros & Silva, 2015).

Os personagens do bullying são: o agressor (o autor), a vítima, a vítima-agressora e as testemunhas. O agressor é aquele que irá cometer as ofensas, a vítima será aquele que irá sofrer tais agressões, a vítima-agressora é aquela que tanto ofende quanto é ofendida e as testemunhas são as pessoas que presenciam todo o acontecimento e podem também, assim como a vítima, ter prejuízos psicológicos. O autor do bullying se acha o “valentão” do local, com atitudes que intimidam a vítima, fazendo com que fiquem com um ar de superioridade diante do mais fraco e assim, pelo fato de agredir o outro, passa ser respeitado pelos colegas (Bandeira & Hutz, 2010).

Os primórdios dos estudos relacionados à agressividade no âmbito escolar surgiram na década de 70, quando Dan Olweus, docente da Universidade de Bergen, verificou um aumento da violência nas escolas norueguesas. Ele chegou à conclusão, através de suas pesquisas, que havia uma vitimização específica entre pares, isto é, existia o que agredia e o que sempre era agredido por várias vezes, e que isso trazia consequências desastrosas para os adolescentes (Alckmin-Carvalho et al., 2014).

Mais tarde, na década de 80, suas pesquisas foram muito procuradas devido ao fato de ter acontecido três suicídios de jovens entre 10 e 14 anos. Após investigações concluiu-se que de cada sete estudantes, um estava envolvido com o comportamento agressivo, assim, Olweus buscou auxiliar os profissionais da época que lidavam com esses estudantes, para poder intervir nas escolas com propostas criadas por ele, publicando então seu livro *“Bullying at school”* no ano de 1993. Após este fato o governo norueguês apoiou uma campanha nacional anti-bullying que teve grande repercussão em outros países (Lisboa, Braga & Ebert, 2009).

Com o passar do tempo e a evolução de tecnologias da comunicação, outra maneira de perceber esse tipo de agressão é através da internet, que tem seu termo conhecido por *cyberbullying*, ele consiste em uma manifestação moderna do fenômeno, que não menos agressivo, pode chegar a ter as mesmas consequências que a do bullying anteriormente citado. Outro ponto que deve ser destacado, é que neste caso o agressor pode não ser identificado, devido à facilidade de fazer uma conta falsa na internet e usá-la para agredir

virtualmente outras pessoas, que seriam as vítimas e como o anonimato irá prevalecer, a dificuldade de enfrentar o cyberbullying é bem maior (Medeiros et al., 2015).

Existem vários estudos contemplando diversas maneiras de investigar e analisar o bullying, é o que mostra a pesquisa de Alckmin-Carvalho, Izicki, Fernandes e Melo (2014) quando seus achados apontam um grande leque de instrumentos deste fenômeno, que vão desde observações diretas, questionários, entrevista semi estruturada, adaptações de muitos testes internacionais, tais como: Escala de BAC (Mascaranhas, 2006); Peer Assessment (Rubin, Bukowski & Parker, 1998); entre outros. Porém, há certa limitação em relação às adaptações feitas, pois existem poucos estudos com evidências de validade para a realidade brasileira, e uma vez que o envolvimento com a prática de bullying acarreta riscos para o comportamento e transtornos psiquiátricos, nota-se a importância de validar testes psicométricos nacionais para uma avaliação mais consistente diante do problema.

Segundo Moura, Cruz e Quevedo (2011) as consequências do bullying podem chegar a níveis difíceis de ser contornados, uma vez que esse comportamento agressivo tem a capacidade de fazer com que vítimas tirem suas próprias vidas, sendo esta a consequência mais grave, além de estresse, raiva, depressão, ansiedade, falta de vontade de ir à escola, entre outras. De acordo com Niemelä et al (2011 *apud* Medeiros 2015) pessoas que sofreram bullying durante a infância tem uma maior probabilidade de se envolver com drogas e álcool depois de adultos. Segundo Lopes (2005) as vítimas depois de adultas têm grande chance de desenvolver problemas psicossomáticos, tais como: fobia social, ansiedade, depressão, baixa autoestima, entre outros.

Por esses motivos apresentados, faz-se necessário o conhecimento das emoções, a sensibilidade que uma pessoa tem em reconhecer o que o outro sente através de sua face deve estar bastante instigada, para então ocorrer a manipulação de atos que possa deixar o outro triste, feliz ou com outro sentimento.

2.2 EMOÇÕES

As emoções contribuem de maneira eficaz no cotidiano do sujeito, elas além de demonstrar o que se está sentindo em algum momento da vida influenciam nas interações sociais do ser humano, isto é, nos relacionamentos. De acordo com Atkinson, Atkinson, Smith, Bem e Nolen-Hoeksema (2002 *apud* Medeiros 2015), a emoção é a resposta a uma condição, a uma experiência de cunho afetivo, sendo bastante complexa, uma vez que envolve processos psicológicos e neurobiológicos.

Através de pesquisas realizadas, chegou à conclusão de que não importa o lugar que uma pessoa vive a expressão de alegria, raiva, medo, tristeza, nojo e surpresa terão as mesmas características faciais de pessoas de lugares diferentes, tornando-as as seis emoções básicas universais. Isso faz com que o reconhecimento das emoções através da face seja a forma mais simples de saber como uma pessoa está se sentindo em um determinado momento, além de ser a maneira mais primitiva de identificação das emoções (Gazzaniga, Ivry & Mangun, 2006).

O reconhecimento de emoção em um bebê é inato, isso foi possível ser percebido depois de estudos sobre pesquisas feitas por Darwin a respeito das emoções. Darwin observou que a criança nasce com expressões já prontas, por exemplo, quando um bebê sente dor ele irá chorar, mas na frente ele fala sobre a emoção como imitação, assim o bebê passa a imitar as expressões faciais que ele vê nas pessoas que estão ao seu redor, logo a criança começa a reproduzir a expressão visualizada em rostos de seu contexto (Harris, 1996).

O ato de reconhecer as expressões faciais tem sua importância alicerçada na necessidade que o indivíduo tem em saber a emoção sentida por outra pessoa em certo momento, assim é possível que atitudes sejam mudadas de acordo com o sentimento do outro expresso através da face. O amadurecimento emocional segue juntamente com o amadurecimento da mente humana, isto é, acontece uma evolução nos pensamentos, nas atitudes e também nas emoções das pessoas, assim é possível fazer com que uma criança entenda as atitudes capazes de causar cada tipo de emoção, lembrando que isso também irá diferenciar de acordo com a idade do sujeito, ou seja, a maturidade seja crescente assim como a idade (Oliva, Otta, Ribeiro, Bussab, Lopes, Yamamoto & Moura, 2006).

Com o passar do tempo esse amadurecimento das emoções das crianças, como foi citado no parágrafo anterior, faz com que aproximadamente dez semanas de vida o bebê deixe as expressões de ordem imitativa para expressões verdadeiramente sentidas, surgindo o que se conhece por competência emocional (Harris, 1996). A competência emocional é o termo usado para se referir à capacidade de reconhecer emoções no outro, organizar e gerenciar as próprias emoções, isto é, uma espécie de autocontrole emocional, com a finalidade de aperfeiçoar as interações no contexto social, escolar e familiar (Coelho, 2012).

O indivíduo tem sua habilidade emocional modificada com o decorrer do tempo, de acordo com Harris (1996), a partir dos 7 anos de idade, ocorre um grande avanço no processo de competência emocional na criança e passam a identificar emoções não tão óbvias como as transmitidas pelas seis emoções básicas, por exemplo, orgulho, culpa e inveja. Percebem também que o estado emocional de uma pessoa pode ser alterado em relação ao estado

emocional de outra pessoa. Já entre os 10 e 11 anos a capacidade de sentir uma ambivalência nas emoções está desenvolvida, que seria o fato de ficar, por exemplo, alegre e triste ao mesmo tempo. Assim, claramente se vê uma evolução na competência emocional do indivíduo, uma maturação, que influencia na maneira de lidar com as pessoas ao seu redor, isto é, as pessoas de seu cotidiano, por isso há importância em observar como é a sensibilidade em reconhecer os sentimentos nos outros e ainda mais, quais atitudes podem ser positivas ou negativas para a convivência social.

Diante do exposto, as emoções possuem um papel primordial em situações de bullying, pois é através da expressão dos sentimentos que se torna possível perceber como os envolvidos com este comportamento agressivo estão lidando com tais atitudes e assim fazer uma avaliação mais detalhada, para traçar estratégias com o intuito de prevenir e diminuir a incidência da prática de bullying. Os achados de Sampaio, Santos, Oliveira, Silva, Medeiros e Silva (2015) mostram que as emoções têm ligação direta com o fenômeno bullying, pois elas são as respostas aos estímulos recebidos, como também das agressões cometidas, sendo as emoções: raiva, medo, tristeza e vergonha as mais relatadas pelos envolvidos na pesquisa.

2.3 PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS

Os instrumentos e testes psicométricos servem para chegar ao conhecimento sobre um fenômeno que por algum motivo tem que ser investigado, neles se deposita confiança de que se for aplicado de maneira correta trará respostas e informações importantes e assertivas sobre determinado assunto. Sartes e Souza-Formigoni (2013) afirmam que usar a psicometria para avaliar fenômenos psicológicos é uma maneira objetiva, pois ela permite o estabelecimento de um referencial que pode reduzir os vieses subjetivos da percepção e do julgamento do examinador, desde que este tenha domínio e conhecimento de sua aplicação e interpretação. Por essa razão, que surgiu no século XIX a necessidade de métodos que avaliassem as propriedades psicométricas dos instrumentos.

A psicometria é uma maneira de explicar e dar sentido aos resultados obtidos através da aplicação de um instrumento. Tem suas origens na psicofísica com os psicólogos alemães Ernst Heinrich Weber e Gustav Fechner, mas é o inglês Francis Galton que é considerado o criador da psicometria, ele criou testes para medir processos mentais. Ela possui parâmetros a serem observados, são eles validade e precisão do teste. A validade de um instrumento diz respeito a se ele mede o que supostamente deve medir e precisão refere-se à característica que

ele deve possuir, ou seja, ele deve medir sem erros, por exemplo, medir os mesmos sujeitos em ocasiões diferentes, deverá produzir resultados idênticos (Pasquali, 2009).

Desse modo, existem duas abordagens básicas para avaliação de testes na psicometria, isto é, duas vertentes que são a Teoria Clássica dos Testes (TCT) e a Teoria de Resposta ao Item (TRI). A primeira explica as propriedades encontradas em um instrumento de maneira mais global, isto é, a preocupação desta teoria é saber qual foi o escore total que o sujeito obteve em um teste, que é a soma total obtida no final depois de responder a uma série de itens (Knijnik, Giacomoni, Zanon & Stein, 2014).

A segunda é a Teoria de Resposta ao Item, ela parte do pressuposto de que o indivíduo possui um traço latente, que seria uma característica dele sobre aquilo que ele sabe, por exemplo o quanto ele sabe sobre astronomia, o nível de depressão ou ainda a gravidade da dependência de álcool. Assim, o nível do traço latente de uma pessoa pode estimar se o indivíduo responderá de maneira positiva ou não a um determinado item, e estabelece para cada item uma probabilidade de resposta relacionada à presença da condição avaliada (Sartes & Souza-Formigoni, 2013).

A análise das evidências psicométricas de testes constituem em verificar a validade do construto do instrumento e averiguar a precisão do teste em relação ao modo como os dados obtidos serão analisados, isto é, verificar a consistência interna do teste. A validade do construto refere-se à vinculação direta com uma teoria para subsidiar todo o teste. Já consistência interna consiste em utilizar uma complexa técnica estatística para analisar o teste por partes ou parcelas, em que o mais conhecido é o coeficiente de Alfa de Cronbach, que irá observar a calibração interna do instrumento, ou seja, se os itens passam a mesma informação em uma ocasião, consequentemente passará em outro contexto (Pasquali, 2009).

Segundo Filho e Júnior (2010) uma maneira de analisar um instrumento com muitos itens é através da análise fatorial, porém há algumas considerações a serem feitas antes de iniciar o processo, tais como: verificar o tamanho da amostra, isto é, se ela tem condições de ser feita uma análise desse tipo, observar a quantidade de itens, atender as regras da psicometria em geral para poder analisar um teste. Damásio (2012) também ressalta esse tipo de técnica como sendo um dos procedimentos estatísticos mais comumente utilizados no desenvolvimento, avaliação e refinamento de instrumentos psicométricos.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa com análise psicométrica, de natureza quantitativa, a qual se fez a utilização de um instrumento que visou conhecer o comportamento de vários sujeitos. Para analisar os dados optou-se por métodos estatísticos (análises descritivas e inferenciais).

3.2 PARTICIPANTES

Para alcançar os objetivos da pesquisa contou-se com uma amostra de 241 estudantes com idade entre 8 e 11 anos ($M = 9,80$; $dp = 0,950$), havendo prevalência de crianças com 10 anos (34,9%), 9 (28,2%), 11 (27,4%) e 8 (9,5%). Em sua maioria, os participantes foram do sexo feminino (56,4%) e o sexo masculino obteve 43,6%.

3.3 INSTRUMENTO

Foi utilizado o instrumento computadorizado chamado teste de Atribuição de Emoções em Situações de Bullying - AESB, desenvolvido pelos autores: Minervino; Alves; e, Medeiros (2014), com o auxílio do programa Superlab 4.0.

O teste consiste em apresentações de 10 fotografias de situações de bullying com imagens de crianças em vários cenários de uma escola, na apresentação dessas imagens houve narrações de histórias a elas relacionadas, e para cada personagem o participante deverá escolher entre cinco opções de faces com as emoções: felicidade, raiva, medo, tristeza e neutra, em uma escala de respostas categórica, para indicar a face de cada agente das fotos, agressor, vítima e expectador (APÊNDICE B).

3.4 PROCEDIMENTO

O estudo foi primeiramente submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba, e atendeu a todos os requisitos éticos da Resolução nº 466/12 gerando um protocolo. Assim foram feitas visitas em escolas públicas e particulares do município de João Pessoa para apresentar o projeto e solicitar as devidas autorizações para a realização da pesquisa, após a liberação da direção foi iniciada a coleta de dados, assim que os estudantes entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), devidamente

assinado pelos pais ou responsáveis baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS. Depois de explicar a atividade e retirar as dúvidas dos participantes, começou o teste, que aconteceu da seguinte maneira: o aluno ficou em uma sala reservada, disponibilizada pela coordenação da escola, juntamente com a pesquisadora para o teste ser realizado individualmente e sua duração foi de aproximadamente 15 minutos.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise de dados, utilizou-se do pacote estatístico SPSS, em sua versão 21. Mais especificamente, realizaram-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão) para caracterização da amostra, análise fatorial exploratória e alfa de Cronbach, para verificar, respectivamente, a validade e consistência interna da medida e por fim ANOVA, objetivando verificar se existem diferenças nas respostas em função da idade dos participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados visando atender os objetivos propostos no estudo, os quais são: 1) descrever as emoções mais atribuídas pelos participantes para os personagens do bullying, 2) verificar as evidências de validade fatorial e confiabilidade do teste, 3) conhecer a consistência interna do teste e 4) identificar se há diferenças nas respostas dos participantes em função da idade.

Tabela 1. Atribuição das emoções para o personagem Aggressor

	Alegria		Tristeza		Raiva		Medo		Neutra	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Aggressor 1	84	34,9	47	19,5	75	31,1	9	3,7	26	10,8
Aggressor 2	33	13,7	69	28,6	97	40,2	24	10	18	7,5
Aggressor 3	104	48,4	32	13,3	72	29,9	9	3,7	24	10
Aggressor 4	62	25,7	15	6,2	123	51	14	5,8	27	11,2
Aggressor 5	148	61,4	11	4,6	29	12	10	4,1	43	17,8
Aggressor 6	101	41,9	16	6,6	83	34,4	12	5	29	12
Aggressor 7	95	39,4	42	17,4	41	17	10	4,1	53	22
Aggressor 8	165	68,5	18	7,5	25	10,4	7	2,9	26	10,8
Aggressor 9.1	155	64,3	13	5,4	29	12	11	4,6	33	13,7
Aggressor 9.2	46	19,1	23	9,5	133	55,2	24	10	15	6,2
Aggressor 10	165	68,5	24	10	22	9,1	5	2,1	25	10,4

Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar as atribuições de emoções dadas aos personagens agressores das histórias apresentadas, percebe-se que a maioria das crianças investigadas (mín. 13,7% a máx. 68,5%) atribuiu a emoção ALEGRIA para o agressor. A emoção RAIWA foi a segunda mais atribuída. Poucas foram as crianças que atribuíram as emoções: tristeza, medo e neutra para os personagens agressores. Nesta escolha, há uma inversão de valores por parte dos participantes, uma vez que a maioria das respostas deveria ter sido a emoção raiva. De acordo com Lopes (2005) o personagem agressor sente prazer e satisfação em dominar, e então consequentemente, se sente feliz por poder controlar a situação em relação aos outros colegas que são “fracos” em comparação a ele, e causar danos ao outro. Segundo Bandeira e Hutz (2010) o agressor também tem uma característica de machucar, prejudicar o colega sem motivo, apenas pelo fato de se sentir bem e/ou de descontar uma raiva que está sentindo no momento da agressão.

Tabela 2. Atribuições das emoções para o personagem Vítima

	Alegria		Tristeza		Raiva		Medo		Neutra	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Vítima 1	16	6,6	131	54,4	64	26,6	16	6,6	14	5,8
Vítima 2	15	6,2	67	27,8	120	49,8	21	8,7	18	7,5
Vítima 3	3	1,2	169	70,1	36	14,9	32	13,3	1	0,4
Vítima 4	2	0,8	120	49,8	39	16,2	71	29,5	9	3,7
Vítima 5	6	2,5	99	41,1	68	28,2	15	6,2	53	22
Vítima 6	5	2,1	114	47,3	83	34,4	21	8,7	18	7,5
Vítima 7	8	3,3	195	80,9	28	11,6	4	1,7	6	2,5
Vítima 8	7	2,9	187	77,6	38	15,8	7	2,9	2	0,8
Vítima 9	9	3,7	78	32,4	106	44	41	17	7	2,9
Vítima 10	0	0	212	88	23	9,5	4	1,7	2	0,8

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação às respostas para a personagem vítima, observa-se que a maioria dos participantes (mín. 32,4% a máx. 88%) atribui a emoção TRISTEZA para a vítima. A segunda emoção mais escolhida foi RAIWA. As emoções alegria, medo e neutra foram pouco escolhidas para a personagem vítima das situações apresentadas. Bandeira e Hutz (2010) relatam que o comportamento das vítimas do bullying é socialmente inibido, passivo ou submisso, sentem vergonha, medo e sua autoestima é cada vez mais baixa. Podem ser facilmente encontrados sentindo alguns sintomas de depressão e/ou fobia escolar, por exemplo, falta de vontade de ir para a escola, dores de cabeça, insônia e dores abdominais. A emoção raiva é uma característica mais comum entre vítimas agressoras, que de acordo com Lopes (2005) têm um comportamento agressivo combinado com baixa autoestima, depressão e ansiedade.

Tabela 3. Atribuição das emoções para o personagem Expectador

	Alegria		Tristeza		Raiva		Medo		Neutra	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Expectador 1.1	25	10,4	32	13,3	44	18,3	73	30,3	67	27,8
Expectador 1.2	21	8,7	34	14,1	46	19,1	51	21,2	89	36,9
Expectador 2.1	28	11,6	37	15,4	43	17,8	81	33,6	52	21,6
Expectador 2.2	40	16,6	27	11,2	42	17,4	66	27,4	66	27,4
Expectador 3.1	2	0,8	58	24,1	50	20,7	109	45,2	22	9,1
Expectador 3.2	9	3,7	43	17,8	48	19,9	113	46,9	28	11,6
Expectador 4.1	2	0,8	39	16,2	49	20,3	128	53,1	23	9,5
Expectador 4.2	7	2,9	42	17,4	39	16,2	121	50,2	32	13,3
Expectador 5.1	11	4,6	28	11,6	46	19,1	93	38,6	63	26,1
Expectador 5.2	15	6,2	30	12,4	68	28,2	69	28,6	59	24,5
Expectador 6.1	26	10,8	46	19,1	41	17	55	22,8	43	28,1
Expectador 6.2	19	7,9	46	19,1	41	17	94	39	41	17
Expectador 7.1	87	36,1	44	18,3	41	17	16	6,6	53	22
Expectador 7.2	97	40,2	34	14,1	28	11,6	26	10,8	56	23,2
Expectador 9	36	14,9	53	22	32	13,3	86	35,7	34	14,1
Expectador 10.1	188	78	9	3,7	14	5,8	19	7,9	11	4,6
Expectador 10.2	185	76,8	9	3,7	11	4,6	21	8,7	15	6,2

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto às respostas dadas para o personagem expectador, houve uma variação considerável nas escolhas, a maioria respondeu que eles sentiam-se com MEDO (mín. 6,6 % a máx. 53,1%). A emoção ALEGRIA foi a segunda mais escolhida. Já as emoções tristeza, raiva e neutra foram atribuídas de maneira praticamente igualitária por parte dos respondentes. Lopes (2005) afirma que o sentimento das testemunhas do bullying varia de acordo com o lugar que o agressor esteja, mas a maioria fica com medo de ser a próxima vítima e por isso, não demonstra sua verdadeira opinião sobre o comportamento do agressor. Algumas testemunhas demonstram alegria em relação ao ato agressivo, pois preferem ser vistas como aliadas do agressor para não sofrerem possíveis ofensas e/ou agressões futuras.

Para se verificar a estrutura fatorial, optou-se por realizar uma análise fatorial exploratória (AFE). Para tanto, inicialmente, foi verificado a adequação dos dados ao tratamento multivariado. Os resultados iniciais apoiaram a realização de uma AFE ($KMO = 0,73$ e o Teste de Esfericidade de Bartlett, $X^2 = 2468,073; p < 0,001$), que segundo Filho & Júnior (2011) o teste de Kaiser-Meyer-Olklin (KMO) varia entre 0 e 1. Quanto mais perto de 1, melhor. Sendo os valores entre 0,70 e 0,79 considerados mediano e o teste de Bartlett deve ser estatisticamente significativo ($p < 0,05$).

Nessa vertente, optou-se pelo método de extração dos componentes principais (análise de componentes principais; ACP), sendo utilizada rotação varimax. Essa escolha foi feita pela

facilidade de interpretação da estrutura (Damásio, 2012) e pela possibilidade de considerar independentes três personagens do bullying. O critério de Kaiser indicou a existência de treze possíveis fatores com valores próprios superiores a um, no entanto, optou-se por observar o critério de Cattel (Ver Figura 1) que indicou uma solução com três fatores, os quais explicam conjuntamente 30% da variância total. Como se observa na figura abaixo, ao traçar uma linha (pontilhada) passando pelo maior número de autovalores (círculos), três fatores se destacam em relação aos demais.

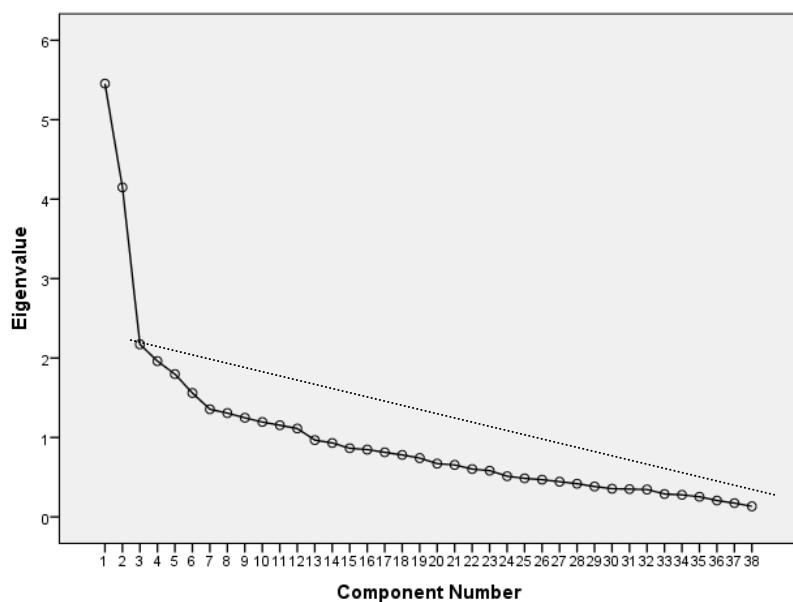


Figura 1. Representação gráfica dos valores próprios.

A análise factorial (ACP) permitiu averiguar que o AESB é uma medida claramente trifatorial, avaliando as emoções expressas em situações de bullying no que diz respeito aos personagens agressor, vítima e expectador. Especificamente, verificou-se que as saturações foram acima do ponto de corte preconizado pela literatura [0,30] (Pasquali, 2009), exceto em dois itens, que serão vistos mais adiante, indicando que o instrumento apresenta evidências de validade de construto, o que significa dizer que o valor mínimo aceitável foi de 0,30 para que o item seja retido no fator (ver Tabela 4).

Tabela 4. Estrutura Fatorial do Teste de Atribuição das Emoções em Situação de Bullying (AESB)

Itens	FATORES		
	AGRESSOR	EXPECTADOR	VÍTIMA
1. Agressor da situação 1	0,41	-0,18	0,14
2. Agressor da situação 2	0,36	0,00	0,03
3. Agressor da situação 3	0,62	0,08	0,02
4. Agressor da situação 4	0,52	0,13	0,06
5. Agressor da situação 5	0,67	0,06	0,03
6. Agressor da situação 6	0,65	0,13	-0,04
7. Agressor da situação 7	0,56	0,16	-0,21
8. Agressor da situação 8	0,72	0,01	-0,06
9. Agressor da situação 9.1	0,67	0,06	-0,10
10. Agressor da situação 9.2	0,46	-0,00	0,18
11. Agressor da situação 10	0,70	-0,06	0,02
12. Vítima da situação 1	0,09	0,04	0,46
13. Vítima da situação 2	0,20	0,15	0,23
14. Vítima da situação 3	0,01	0,02	0,34
15. Vítima da situação 4	0,02	0,01	0,41
16. Vítima da situação 5	-0,00	0,39	-0,10
17. Vítima da situação 6	0,05	0,21	0,39
18. Vítima da situação 7	0,10	-0,12	0,53
19. Vítima da situação 8	-0,05	-0,04	0,57
20. Vítima da situação 9	0,22	0,12	0,19
21. Vítima da situação 10	-0,14	-0,03	0,51
22. Expectador da situação 1.1	-0,00	0,64	-0,15
23. Expectador da situação 1.2	0,06	0,63	0,01
24. Expectador da situação 2.1	0,10	0,60	0,16
25. Expectador da situação 2.2	0,07	0,56	-0,06
26. Expectador da situação 3.1	-0,07	0,64	0,17
27. Expectador da situação 3.2	0,06	0,57	0,15
28. Expectador da situação 4.1	-0,00	0,42	0,22
29. Expectador da situação 4.2	-0,01	0,42	0,24
30. Expectador da situação 5.1	-0,04	0,59	-0,15
31. Expectador da situação 5.2	0,05	0,55	-0,00
32. Expectador da situação 6.1	0,07	0,53	0,02
33. Expectador da situação 6.2	-0,01	0,39	-0,08
34. Expectador da situação 7.1	0,41	0,27	-0,13
35. Expectador da situação 7.2	0,39	0,29	-0,21
36. Expectador da situação 9	0,10	0,40	0,07
37. Expectador da situação 10.1	0,41	-0,14	0,18
38. Expectador da situação 10.2	0,40	-0,10	0,14
Número de itens		11	17
Variância Explicada		13,9%	10,1%
Alfa de Cronbach		0,82	0,77
			0,46

Fonte: Dados da Pesquisa

O primeiro fator, denominado Agressor, possui 11 itens. Apresentou autovalor igual a 5,29, explicando 13,9% da variância total, as cargas fatoriais variaram de 0,36 (item 2 – Agressor 2) a 0,72 (item 8 – Agressor 8), a precisão apresentou-se adequada [alfa de Cronbach de 0,82], uma vez que Damásio (2012) sugere que o alfa entre 0,80 e 0,89 é considerado bom.

O segundo fator, nomeado Expectador, possui 17 itens. Porém 4 deles têm suas maiores cargas fatoriais contidas no fator Agressor, são eles: item 34 – Expectador 7.1, item 35 – Expectador 7.2, item 37 – Expectador 10.1 e item 38 – Expectador 10.2, os dois primeiros têm características de agressores, pois estão inseridos na seguinte situação: “Pedro excluiu Lucas da brincadeira”, (a brincadeira era entre Pedro, João e Ana, uma vez que eles não se importam com a exclusão de Lucas, os participantes os julgaram como agressores, por isso a maior carga fatorial está contido no fator 1, 0,41 e 0,39, respectivamente).

Também nos itens 37 e 38 em que a situação é: “Pedro disse coisas sobre Ana que fez os colegas rirem dela” (os colegas, que são os expectadores, têm a mesma atitude do agressor, justifica-se, portanto, ambos os itens estarem localizados no fator 1, com cargas 0,41 e 0,40, respectivamente). Este componente teve um autovalor de 3,86, explicando 10,1% da variância total, os demais itens retidos no fator possuem cargas fatoriais variando de 0,39 (item 33) a 0,64 (item 22), apresentando alfa de Cronbach igual a 0,77, considerado aceitável (Damásio, 2012).

O terceiro fator, denominado Vítima, contém 10 itens, possui autovalor igual a 2,13, explicando 5,6% da variância total. Dentre os 10 itens, um não alcançou a carga fatorial mínima aceitável (0,30), sendo ele o item 13 – Vítima da situação 2, com carga 0,23, pode ser justificado pelo fato do personagem vítima apresentado assumir outro papel, haja vista que a situação era: “Pedro pegou o biscoito de Lucas, Lucas não gostou e bateu em Pedro com um livro”, assim nota-se o comportamento de Lucas como o de uma vítima agressora, por isso o não enquadramento perfeito no fator correspondente. Já o item 16 – vítima da situação 5, não ficou retido no fator Vítima e sim no fator Expectador, a situação era a seguinte: “João mexeu na bolsa de Ana e pegou seu celular”, justifica-se, portanto, a carga fatorial de 0,39 se encontrar no fator 2, o fato de que a vítima não está vendo o colega retirar seu celular de dentro da sua bolsa, tendo então o mesmo comportamento do expectadores da situação.

O item 20 também não alcançou a carga mínima aceitável, nem ficou retido no fator 3, acredita-se que o comportamento do personagem na situação não tenha ficado claro para os participantes, a situação consiste em: “Ana incentivou João a brigar com Pedro”, Pedro, no entanto, parece querer revidar a agressão, pois está com a mão fechada apresentando

comportamento de uma vítima agressora. Os demais itens tiveram suas cargas variando entre 0,34 (item 14) a 0,57 (item 19), apresentando o alfa de Cronbach igual a 0,46, que segundo Damásio (2012) esse valor é considerado inaceitável para a consistência interna.

Para averiguar se a retirada dos dois itens do fator 3 (item 13 e item 20), que não atingiram a carga fatorial mínima aceitável, faria alguma diferença no valor da consistência interna (alfa de Cronbach), foi feita uma nova análise de alfa e o resultado continuou inaceitável com 0,39. Retirando apenas o item 20, o qual teve menor carga (0,22), o alfa de Cronbach chegou a 0,44, aumentou em relação a anterior, diminuiu comparado ao primeiro e ainda assim, não atingiu o valor mínimo aceitável, que segundo Damásio (2012) é de 0,70.

Nota-se, portanto, que o fator 3 (Vítima) deve ser totalmente revisto, no que consiste em seus itens e como estão discriminados no instrumento, sugere-se portanto, para o item 13-Vítima da situação 2, que um novo fator denominado vítima agressora seja criado, se possível. Para o item 16-Vítima da situação 5, a sugestão se baseia na mudança do texto, para por exemplo: “Como Ana irá se sentir ao saber que seu celular foi retirado da sua bolsa por João?” e para o item 20-Vítima da situação 9, pode ser feita alteração na fotografia utilizando um recurso para aperfeiçoamento fotográfico, que consistiria em suprimir a mão fechada do personagem, mudando assim totalmente a interpretação visual do respondente.

Por fim, verificou-se através da análise de variância (ANOVA), se houve diferença nas respostas em função da idade dos participantes e o resultado obtido foi que não houve diferença significativa nas respostas, com o nível de significância variando entre ($p= 0,007$ e $p= 0,833$) para os itens de 1 a 11, ($p= 0,077$ e $p= 0,949$) para os itens de 12 a 21 e ($p= 0,026$ e $p= 0,922$) para os itens de 22 a 38. Logo como a amostra foi composta por crianças com idades entre 8 a 11 anos, Harris (1996) afirmou que a partir dos 7 anos de idade a criança já possui a competência emocional, e com o avançar do tempo, esta capacidade tende a ter um desenvolvimento mais aprimorado, isto é, com 8 anos já é possível perceber as emoções no outro tão bem quanto um indivíduo de 11 anos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto que os objetivos do trabalho foram alcançados, chegando a um resultado significativo e de muito valor no tocante a análise psicométrica, uma vez que o teste em estudo demonstrou confiabilidade, de modo geral, tendo que ser melhorado e aprimorado em alguns aspectos que farão toda diferença, é o caso do fator 3 que como foi apresentado, o mesmo deve ser reformulado para chegar a atender os critérios da psicometria e então fazer

parte de um instrumento totalmente preciso e validado. Além disso, foi possível observar quais as emoções que as crianças da faixa etária pesquisada atribuem para os personagens do bullying, que em sua maioria foram as emoções alegria, tristeza e raiva.

Com isso, as contribuições deste estudo se pautam na importância de existir instrumentos validados para a realidade brasileira, a fim de aumentar as estratégias e opções para avaliar o bullying utilizando juntamente outra vertente, que são as emoções, assim é capaz de observar quais emoções são atribuídas para os personagens do bullying, sendo então possível trabalhar com essas informações adquiridas e tentar diminuir ou até mesmo acabar com este comportamento agressivo que possui consequências muito prejudiciais, principalmente em termos emocionais. Esse instrumento tem grande facilidade em sua aplicação, podendo ser feita por vários profissionais, sejam eles, psicopedagogos, psicólogos e professores, cada um com o seu propósito, que de acordo com os resultados irão traçar as medidas possíveis e cabíveis para cada situação.

As limitações do trabalho consistiram na dificuldade de encontrar instituições escolares disponíveis e que me abrissem a porta para a coleta de dados, principalmente por se tratar de um grande número de participantes. Houve também uma greve nas escolas públicas durante três semanas, o que resultou em um atraso na coleta. O fato de nem todos os estudantes terem trazidos os termos de consentimento devidamente assinados pelos pais, também foi um fator que dificultou mais ainda a coleta, uma vez que por questões éticas vigente na resolução n. 466/12 só deve ser aplicado testes em seres humanos mediante este termo assinado pelos pais ou responsáveis, se tratando de menor de idade.

Como projetos futuros, o presente trabalho pode ser mais explorado, como por exemplo, o aumento do número de participantes, a aplicação em outros locais, bem como com adultos e idosos, enfim há inúmeros estudos que são possíveis de ser realizados com este instrumento, com objetivos diferentes, além de fazer as devidas modificações para que ele possa atender rigorosamente aos critérios da psicometria. Em resumo, comprehende, portanto, um instrumento muito eficaz para mensurar atribuição de emoções em situações de bullying, porém com algumas modificações a serem realizadas para sua fidedignidade ser considerada completa.

REFERÊNCIAS

- Alckmin-Carvalho, F.; Izbicki, S.; Fernandes, L. F. B. & Melo, M. H. da S. (2014, Dezembro). Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais. *Avaliação Psicológica*, 13(3). Encontrado em <http://pepsic.bvsalud.org>.
- Bandeira, C. de M. & Hutz, C. S. (2010, Janeiro/Junho). As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1). Encontrado em <http://www.scielo.br>.
- Brito, C. C. & Oliveira, M. T. (2013, Novembro/Dezembro). Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *Jornal de Pediatria*, 89(6). Encontrado em <http://www.scielo.br>.
- Damásio, B. F. (2012, Agosto). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2). Encontrado em <http://pepsic.bvsalud.org>.
- Filho, D. B. F. & Júnior, J. A. da S. (2010, Junho). Visão além do alcance: Uma introdução à análise fatorial. *Opinião Pública*, 16(1). Encontrado em <http://www.scielo.br>.
- Gazzaniga, M. S.; Ivry, R. B. & Mangun, G. R. (2006). Neurociência cognitiva: A biologia da mente. 2^a edição, Editora Artmed.
- Harris, P. (1995). Criança e Emoção: Desenvolvimento da compreensão psicológica. Editora Martins Fontes.
- Knijnik, L. F.; Giacomoni, C. H.; Zanon, C. & Stein, L. M. (2014, Agosto). Avaliação dos subtestes de leitura e escrita do teste de desempenho escolar através da teoria de resposta ao item. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3). Encontrado em <http://www.scielo.br>.
- Lisboa, C.; Braga, L. & Ebert, G. (2009, Janeiro/Junho). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1). Encontrado em <http://pepsic.bvsalud.org>.
- Lopes Neto, A. A. (2005, Novembro). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5). Encontrado em <http://www.scielo.br>.
- Miranda, R. de S. (2012). *Bullying a partir de representações sociais de estudantes*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. Encontrado em http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2231.
- Medeiros, W. M. B. (2015). *Reconhecimento de expressões faciais e tomada de decisão em crianças que vivenciam situações de bullying*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Moura, D. R. de; Cruz, A. C. N. & Quevedo, L. de A. (2011, Setembro). Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, 87(1). Encontrado em <http://www.scielo.br>.

Melo, J. A. de. (2010). Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo. Editora Edupe.

Oliva, A. D.; Otta, E. Ribeiro, F. L.; Bussab, V. S. R.; Lopes, F. de A. Yamamoto, M. E. & Moura, M. L. S. (2006, Janeiro/Abril). Razão, Emoção e Ação em cena: A mente humana sob um olhar evolucionista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1). Encontrado em <http://www.scielo.br>.

Pasquali, L. (2009, Dezembro). Psicométria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(spe). Encontrado em <http://www.scielo.br>.

Sampaio, J. M. C.; Santos, G. V.; Oliveira, W. A. de; Silva, J. L. da; Medeiros, M.; Silva, M. A. I. (2015, Abril/Junho). Prevalência de Bullying e Emoções de Estudantes Envolvidos. *Texto & Contexo – Enfermagem*, 24(2). Encontrado em <http://www.scielo.br>.

Sartes, L. M. A. & Souza-Formigoni, M. L. O. de. (2013) Avanços na Psicométria: da teoria clássica dos testes à teoria de resposta ao item. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2). Encontrado em <http://www.scielo.br>.

Silva, L. P. Um em cada cinco adolescentes pratica bullying no Brasil: a prática, mais comum em grupo e entre meninos, tem como vítima 7,2% dos estudantes consultados em nova pesquisa do IBGE feita com alunos do 9º ano. *RevistaVeja*. Ed. Abril, 2013.

Trevarthen, C. Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, M., ed. Before speech: the beginning of interpersonal communication. Cambridge, Cambridge University Press, 2001. p.321-47.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE

Prezado(a)Senhor(a)

Esta pesquisa é sobre emoções e bullying e está sendo desenvolvida pela pesquisadora ROBERTA RAYANNE GUEDES ROLIM DE OLIVEIRA, aluna do curso de psicopedagogia sob a orientação da Profa. Dra. Carla Moita Minervino.

Os objetivos do estudo são analisar as propriedades psicométricas do teste de atribuição das emoções em situações de bullying, identificar se há diferenças nas respostas entre participantes de diferentes idades, verificar as evidências de validade fatorial e confiabilidade do teste e conhecer a consistência interna do teste. A finalidade deste trabalho está em trazer contribuições para a sociedade de João Pessoa, especificamente para educadores e pesquisadores, dos quais recorrentemente precisam lidar e entender os processos mentais e sociais que causam diferentes resultados no comportamento dos estudantes, bem como também ampliar os conhecimentos no que se refere à habilidade de reconhecimento de expressões faciais em situações de bullying.

O participante desta pesquisa contribuirá para a formação acadêmica da pesquisadora e os resultados obtidos contribuirão individualmente na investigação de metodologias que poderá influenciar no progresso de soluções para o bullying, e também nas futuras pesquisas relacionadas à temática.

Solicitamos a sua colaboração para a aplicação de um instrumento sobre reconhecimento de expressões faciais e bullying, realizados individualmente com seu filho(a), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde, educação e revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dele(a) será mantido em sigilo. Este estudo não possui riscos que causem prejuízos significativos, um dos riscos existentes seria o desencadear de algum sentimento negativo relacionado a situações de bullying já vivenciadas anteriormente pelas crianças, porém a pesquisadora estará preparada para lidar com tais situações e inclusive orientar a família caso seja necessário.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso).

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço e telefones do pesquisador ou do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), expostos ao final deste documento.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para que meu filho(a) participe da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Responsável Legal

Termo de assentimento para menores

Eu _____ aceito participar desta pesquisa. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do participante

Espaço para impressão
dacetoscópica.

Assinatura da Testemunha

Profa. Dra. Carla Moita Minervino

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Educação- Núcleo de Estudos em Saúde Mental, Educação e Psicometria (NESMEP)

Cidade Universitária - João Pessoa - PB -Brasil - CEP - 58059-900

Fone: +55 83 3216-7200

E-mail: carla_moita@hotmail.com - Skype: carlamoitaminervino

CONTATO CEP/HULW - Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley - HULW - 4o andar. Campus I - Cidade Universitária - Bairro Castelo Branco -CEP: 58059-900 - João Pessoa-PB - FAX (083) 32167522 CNPJ: 24098477/007-05 - Telefone: (083) 3216-7964 - E-mail: comitedeetica@hulw.ufpb.br

Contato com a Pesquisadora Responsável: Roberta Rayanne Guedes Rolim de Oliveira/ rayanne-guedes@hotmail.com

Fone: (83) 98658-9105

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora.

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

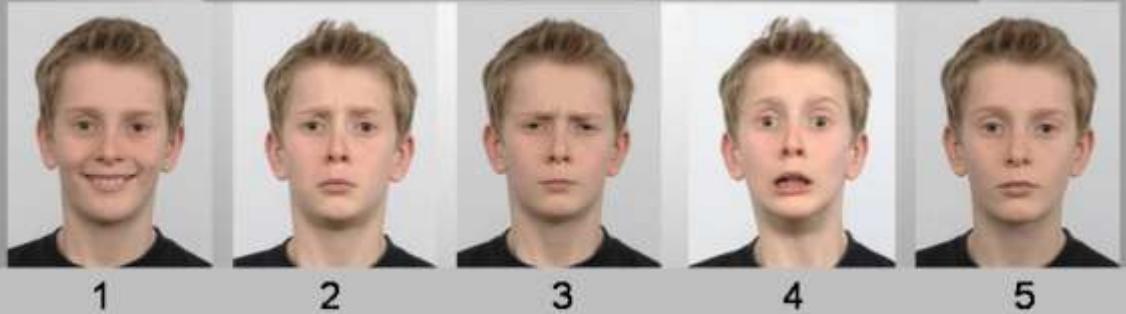
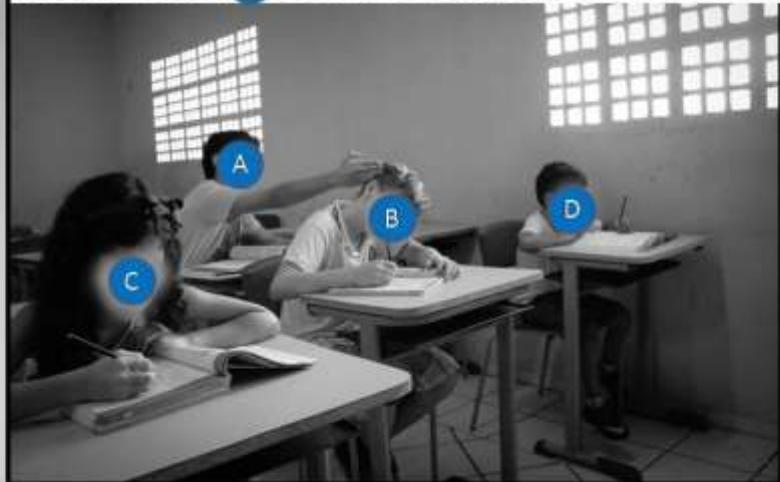
APÊNDICE B

Exemplo do Teste de Atribuição de Emoções Em Situações de Bullying

JOÃO PROVOCOU PEDRO DURANTE A AULA



COMO JOÃO A ESTÁ SE SENTINDO?



A GRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pois sem ele nada posso fazer, ele quem me deu força, sabedoria e estratégias para eu conseguir conciliar várias tarefas em minha vida e concretizar este sonho.

Aos meus pais, Fátima e Roberto, por sempre terem se esforçado para me dar uma boa educação. A minha irmã, Raysa, que, por ser mais velha, sempre foi meu exemplo de estudante e de pessoa, com sua responsabilidade e integridade diante de tarefas que lhes eram dadas.

Ao meu esposo, Kayne, que me ajudou nesta caminhada, com palavras de fé, força e coragem, além de seu carinho e paciência.

Ao meu enteado, Iann, que mesmo com sua ingenuidade me ajudou na construção deste trabalho, com boas sugestões de palavras para construção do texto.

À minha sogra, Neyde, por sua preocupação e por seus desejos para que tudo desse certo.

Aos meus colegas de classe que sempre confiaram em meu potencial, em especial a minha amiga Mychelle, que foi sempre um suporte, um ombro amigo em que eu pude confiar e demonstrar minhas preocupações.

À duas colegas do núcleo Nesmep, que foram essenciais para que minha coleta de dados acontecesse, Kaíla e Jordana, muito obrigada pelo incentivo.

À Wandersonia Medeiros, por me ajudar com explicações e com dados de pesquisa, além de ter aceitado participar da minha banca como avaliadora.

E Por fim, mas não menos importante, à minha orientadora Carla Moita, por toda sua dedicação, paciência e generosidade, para me guiar nesta etapa tão importante de minha vida. Sou muito grata a ti professora, por sempre ter acreditado em mim.